



Aves Águas Emendadas

Oito fotógrafos e um destino



Águas Emendadas

Oito fotografos e um destino

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

Rodrigo Rollemberg
Governador do Distrito Federal

SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE

Felipe Augusto Fernandes Ferreira
Secretário

**INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE E DOS
RECURSOS HÍDRICOS**

Aldo César Vieira Fernandes
Presidente



Águas Emendadas

Oito fotógrafos e um destino

Organização:
Tancredo Maia Filho
Moema do Prado Maia



Brasília, 2018

PRODUÇÃO EDITORIAL

Projeto gráfico e capa: Tancredo Maia Filho/avesgráficaseditora

Edição e editoração gráfica: Moema do Prado Maia e Tancredo Maia Filho

Ave da capa: chifre-de-ouro – *Heliactin bilophus*

Ave da guarda: corujinha do mato

Foto da capa e da guarda: Rodrigo D'Alessandro

Revisão: Carmen da Gama



A edição e impressão desta obra foram realizadas com recursos oriundos do Termo de compromisso firmado entre o Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos e a FGR Construtora Jardins Genebra S/A – Processo de Compensação Ambiental SEI-GDF nº 00391-00018264/2017-83.

Distribuição: Instituto Brasília Ambiental – Ibram. Unidade de Educação Ambiental – Educ.

Endereço: SEPN 511, Bloco B, Edifício Bittar, CEP 70750-543

Telefone: (61) 3214-5690

E-mail : educ@ibram.df.gov.br

Site: www.ibram.df.gov.br

Dados internacionais de Catalogação Na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A955 Aves Águas Emendadas: Oito fotografos e um destino /
Organizadores Tancredo Maia Filho, Moema do Prado Maia. –
Brasília (DF): Aves Gráficas Editora, 2018.
330 p. : foto. color. ; 17 x 28 cm

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-94109-09-5

1. Aves – Brasil – Obras ilustradas. 2. Observação de aves –
Brasil. I. Maia Filho, Tancredo, 1947-. II. Maia, Moema do Prado,
1959-.

CDD 598.0981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

© 2018. Instituto Brasília Ambiental – Ibram
Qualquer parte desta obra poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Venda proibida.
Tiragem: 900 exemplares
Impresso no Brasil

Sumário

Apresentação	7
Introdução	9
Do projeto	9
Do livro	10
A educação ambiental e a fotografia	11
Oito fotografos	14
Um destino para muitos olhares	22
Começando o sobrevoo	22
Nas asas da história	23
Espaço que abriga a estação	25
Pousando em outros galhos da história	26
Dispostos a achar um ninho	26
Quais são as dimensões da Esecac?	26
As pesquisas na Esecac	27
O que existe na Esecac?	28
Vegetação e flora da Esecac	29
Prodigiosa fauna da Águas Emendadas	30
Os perigos que cercam a Esecac	32
Por que e como preservar a Esecac?	33
Os registros	34
As famílias	35
As espécies	56
Referências bibliográficas	298
Lista das aves	300
Índices	317
Índice de nomes em português	317
Índice de nomes científicos	320
Índice de nomes em inglês	323



Apresentação

Voar é um privilégio que as aves possuem. Uma regalia que, a duras penas, o homem tenta imitar, através de soluções aerodinâmicas um tanto quanto artificiais. Mas, voar com naturalidade, planando pelos céus, cortando os ventos, pousando sobre a nossa exuberante vegetação... Ah! Isso só as aves conseguem! E, nesse momento muito peculiar da nossa biodiversidade, em que as aves estão em seu habitat, é que foi elaborado este livro.

O projeto *Oito fotógrafos e um destino* consiste no cerne do conteúdo aqui apresentado e desenvolvido por oito fotógrafos/observadores de aves – Bertrando Campos, Evando Lopes, Hugo Viana, João Martins, Roberto Aguiar, Rodrigo D’Alessandro, Tancredo Maia Filho e Margi Moss – essa última, antiga conhecida de outras aventuras aéreas, ao redor do mundo. Na companhia de Gerard Moss, ela produziu deliciosas leituras, em livros fascinantes como *Asas do Vento e Brasil das Águas*.

Todos os fotógrafos autores são membros do Observaves (Observadores de Aves do Planalto Central). Em 2011, registraram 231 espécies, das quais 21 são novas, aumentando a lista de avifauna registrada na Esecae para 328 espécies².

Esperamos que esta publicação chegue a todas as instâncias que compõem nosso sistema de gestão ambiental, como órgãos públicos, escolas, universidades, organizações e entidades afins, contribuindo com a conscientização coletiva, no que diz respeito à preservação de nossas unidades de conservação e de sua fauna residente.

A publicação desta obra ocorre em um momento muito especial para o Ibram – a celebração dos 50 anos de existência da Estação Ecológica de Águas Emendadas. Assim como voam os pássaros, o tempo também voou desde que foi criada, pelo Decreto 771 da Prefeitura do Distrito Federal, em 12 de agosto de 1968, inicialmente, como reserva biológica.

O fenômeno das águas emendadas foi relatado, em 1877, por Francisco Adolfo Vanhagen – o Visconde de Porto Seguro – quando esteve por estas paragens. A qualidade e quantidade das águas foi objeto do olhar mais atento dos integrantes da Missão Cruls em 1894. Após a inauguração da nova capital, e, graças ao esforço de alguns servidores públicos, como o Dr. Ezechias Heringer, a região escapou de tornar-se o Núcleo Rural Águas Emendadas – constituindo-se em mais um dos núcleos rurais que, naquela época, estavam sendo implantados no Distrito Federal.

Com uma área total em torno de 10.500 ha, a Esecae possui uma vedada, com cerca de 6 km de extensão, ao lado da Lagoa Bonita. As águas que ali brotam vertem, de um lado, para o Rio Maranhão, formando a Bacia do Tocantins/Araguaia, e, para o outro lado, em direção ao Córrego Fumal e o Rio São Bartolomeu, formando a Bacia do Paraná. A diversidade de fauna, flora, solos e a abundância de recursos hídricos podem ser

² A lista com todas as espécies encontradas na Esecae está no capítulo *Lista das espécies*.

vistos como um “prato cheio” para a avifauna aqui retratada, verdadeiro laboratório a céu aberto, visitado por pesquisadores de todo o mundo.

Manter a integridade ambiental da Esecac, e de outras 94 unidades de conservação do Distrito Federal (71 Parques e 14 ARIE's e APA's), é mais um dos desafios diários do nosso querido Instituto Brasília Ambiental – Ibram. Criado em setembro de 2007, o Ibram veio resgatar as atribuições e competências do antigo Instituto de Ecologia e Meio Ambiente – IEMA, fundado em 1989, simultaneamente com a sanção da Lei nº 041/89 (Lei Ambiental do Distrito Federal) e a criação da Secretaria do Meio Ambiente. O fortalecimento do órgão ambiental não é um ato isolado de um Gestor, mas um processo onde todas as ações se somam ao longo do tempo.

E, por ter convivido com essa gente valorosa e comprometida, no passado e no presente, que são os nossos servidores, é que eu acredito em um futuro ambientalmente melhor para o Distrito Federal.

Boa leitura!

Aldo César Vieira Fernandes

Presidente do Instituto Brasília Ambiental - Ibram

Introdução

Tancredo Maia Filho²

Do projeto

“O Ibram recebe e aprova vários projetos para pesquisas acadêmicas aqui na Esecac. O que vocês acham de apresentarmos um projeto de pesquisa para a realização do registro fotográfico das aves da estação?” – perguntou Evando, com seu jeito tranquilo de falar.

O dia exato não foi anotado. Mas era meado de outubro. A manhã estava ensolarada, apesar do período das chuvas já ter começado em Brasília.

Além do Evando e eu, também estavam passarinhando, nas margens da Lagoa Bonita, a Margi e o Rodrigo. A resposta dos três foi uníssona: “Claro! Estamos nesta!”.

Então, já pensando na trabalhadeira que teríamos, daí para frente, perguntei: até quando teremos que dar entrada no projeto? “No máximo, em novembro”, foi a resposta do Evando.

Desde aquele dia, até o início das sessões de fotos, foram muitas as reuniões... A nossa previsão era protocolar o projeto no Ibram até a primeira semana de novembro. Assim, após tramitar nas várias áreas do instituto, poderia ser aprovado antes do final do ano.

Como esperávamos, o projeto foi aprovado na primeira quinzena de dezembro. E, em janeiro de 2011, estávamos, todos, ostentando os crachás de pesquisadores, devidamente autorizados, para começarmos a trabalhar no nosso projeto: Oito fotógrafos e um destino. O nome foi criado por Evando, que se inspirou no filme Sete homens e um destino.

Além dos crachás, também estávamos munidos dos melhores equipamentos que cada um tinha, à época. Na mochila de cada fotógrafo, não podia faltar a “lista do Bagno”, publicada por Marcelo Bagno, em 1998 (Bagno, 1998), com a relação das 287 espécies até então encontradas na Esecac. Em Bagno & Abreu, 2005, tornou-se pública a existência de mais seis novas espécies, ampliando-se o cálculo do número total das aves registradas para 293. Lopes e colegas acadêmicos (Lopes *et al.*, 2005) publicam um outro trabalho e acrescentam mais 14 novas espécies. Finalmente, no início da pesquisa, havia uma lista consolidada com a descrição de 307 espécies.

Com tantos números, imagino, caro leitor, que você não esqueceu dos oitos fotógrafos... E deve estar se perguntando: “Não eram quatro no início? Como viraram oito? Por que não são 16, 20 ou mesmo 30?”

O número máximo de pessoas que podem compor um grupo autorizado para entrar na Esecac, de acordo com o seu plano de manejo, é 30, sem distinção entre visitantes e pesquisadores. Esta limitação fez com que a ideia de chamarmos todos os “observaveanos” se tornasse impossível. Assim, resolvemos, de forma simples, que cada um dos quatro integrantes

² Editor e organizador desta edição

do time inicial convidaria mais um participante. Desta maneira, o grupo foi formado por Bertrando Campos, Evando Lopes, João Martins, Hugo Viana, Margi Moss, Rodrigo D’Alessandro e Tancredo Maia Filho.

Do livro

“Bora fotografar!” – esta é a expressão que Marcus Paredes usa no capítulo que inicia este volume: *A educação ambiental e a fotografia*. O sentido desta expressão foi o lema do grupo durante a pesquisa. No seu texto, Paredes discorre sobre o conceito de “leitor de fotografia”.

No capítulo seguinte, é contada uma pequena história sobre cada um dos participantes do projeto. Como ilustração, destacam-se as fotos que foram escolhidas por cada um dos fotógrafos como sendo the best. Estas são as fotos preferidas, seja por serem tecnicamente bem resolvidas, seja por terem sido resultantes de uma vivência emocionante e/ou inesquecível.

No terceiro capítulo, chegamos à Esecac, o nosso destino. Intitulada Um destino para muitos olhares, é nesta parte que sobrevoamos a estação, com a proposta de dar, ao leitor, uma ideia da diversidade da área. O texto nos conta sobre os aspectos históricos e físicos da Esecac. Refere-se às pesquisas e à importância da área para os estudos científicos.

Descreve o que pode ser encontrado, ali, desde a vegetação e a flora, até a prodigiosa fauna. Também são relatados os perigos que cercam a estação ecológica. E, ao final no capítulo, fica a pergunta: “Por que – e como – preservar a Esecac?”. Sabemos que não há resposta pronta para esta indagação, mas acreditamos no argumento apresentado como uma conclusão:

O motivo mais importante da preservação, que tem tomado as agendas dos governos, em todo o mundo, é a necessidade de promover adequadas condições de vida à presente geração e, ainda, legar o meio ambiente saudável às futuras gerações.

No capítulo *Os registros*, são apresentadas as 231 espécies fotografadas nos 12 meses de pesquisa. Destacamos, neste universo, a águia-pescadora (*Urubitinga coronata*) – ave rara, que está na Lista de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (MMA, 2008) – e as informações sobre as novas 21 espécies que o grupo fotografou e que aumentam, significativamente, a lista da Esecac. Em seguida, pequenos resumos esclarecem sobre as famílias das espécies registradas.

E, finalmente, temos os registros fotográficos. Nas legendas das fotos, constam as denominações comuns, científicas, e na língua inglesa, além das descrições referentes ao tamanho, às características físicas e ocorrências de cada uma das 231 espécies. conteúdo deste livro não estaria completo sem a publicação de uma lista com as 328 espécies de aves que podem ser encontradas na Esecac. A informações, devidamente atualizadas, estão apresentadas de forma esquematizada – em uma tabela – e abrangem a referência aos autores responsáveis pelos registros.

A educação ambiental e a fotografia

Marcus Vinicius Falcão Paredes²

A educação circunda o ser humano em suas relações com outros seres no espaço e no tempo. Saber distinguir essas relações em detalhes irá torná-la muito mais profunda. Para reconhecermos o que está ao nosso redor, usamos os cinco sentidos, visão, olfato, paladar, audição e tato. Deixar de observar qualquer sentido significa diminuir a habilidade de distinguir.

Os sentidos são responsáveis pela capacidade de interpretar o meio ambiente. Sem os sentidos, não seríamos capazes de perceber as variações do meio e, conseqüentemente, nos tornaríamos indiferentes aos perigos, oportunidades e belezas que estão ao nosso redor.

A visão é o sentido abordado na fotografia. Vemos o mundo através de fotorreceptores, que são sensores localizados no fundo de nossos olhos, capazes de perceber estímulos luminosos. Dessa maneira, por analogia, as máquinas fotográficas se comportam da mesma forma que os olhos dos seres vivos. Então, quando temos em mãos uma câmara fotográfica, ganhamos mais receptores e ficamos mais poderosos! Pois, com as máquinas, podemos registrar imagens para vermos depois, ainda que a nossa memória nos abandone. Ou ainda, com a sofisticação tecnológica, podemos observar objetos muito distantes ou microscópicos, que não seríamos capazes de ver a olho nu.

Dentre os vários tipos de fotografia, existe a fotografia de natureza, que é o meio de nos conectarmos ao ambiente natural. Dentre as múltiplas vertentes da educação ambiental, há a premissa de que só cuidamos do que conhecemos. Então, tornar-se conhecido é fundamental para ser admirado e preservado.

Um bom fotógrafo de natureza deve, necessariamente, conhecer muito sobre o ecossistema natural. Para ter sucesso, ele precisa saber qual é a melhor época, local e horário para fotografar determinada espécie. Mas, o mais importante de tudo é se tornar um leitor de fotografia, no caso, um leitor de fotografia da natureza. Um bom leitor de fotografia é capaz de enxergar além do que foi fotografado, ele é capaz de interpretar o contexto e decodificar muitas outras informações. O leitor de fotografia, ao olhar a foto de um beija-flor, por exemplo, vai reconhecer em qual bioma ele está inserido, qual é a espécie de beija-flor, vai buscar saber se é macho, fêmea, jovem ou adulto.

Quando a fotografia é lida profundamente, ela passa a ser um instrumento aliado à educação ambiental, de onde qualquer pessoa pode extrair um sem fim de informações. Dessa forma, a fotografia vai muito além da contemplação. Ela é capaz de ensinar, emocionar e sensibilizar o leitor de fotografias.

Então, se a educação engloba os processos de ensinar e de aprender, e a fotografia é um instrumento que desenvolve capacidades cognitivas

² Instituto Brasília Ambiental (IBRAM)
Unidade de Educação Ambiental (EDUC)
Educador ambiental, biólogo, fotógrafo e Mestre em Ecologia

para a interpretação e a integração com o meio ambiente, temos, assim, uma parceria de sucesso: educação ambiental e fotografia.

“Bora fotografar!”. Hoje, com a velocidade da informação, quando fotografamos e publicamos nossas fotos nas redes sociais, essas imagens podem circular a cidade, o Brasil e até mesmo o Mundo em pouco tempo. Assim, podemos aproveitar essa exposição de forma positiva. Pois, uma foto sem publicação é como um livro sem leitor. Entretanto, devemos ter alguns cuidados ao divulgar uma foto, sempre devemos citar o autor e, se possível, incluir onde e quando a foto foi feita.

A fotografia pode abrir portas para muitos lugares, pois, em muitos locais, o acesso é restrito, como por exemplo, em Unidades de Conservação de Proteção Integral. Este foi o caso da Estação Ecológica de Águas

Emendadas – Esecae, no Distrito Federal, para a qual, em 2010, o Instituto Brasília Ambiental – Ibram concedeu autorização para a realização de uma pesquisa fotográfica. A pesquisa foi realizada de janeiro a dezembro de 2011, por um grupo de observadores de aves/fotógrafos, membros do Observadores de Aves do Planalto Central – Observaves.

Agora, em 2018, essa pesquisa está, finalmente, sendo publicada. Aproveite para observar cada fotografia como se você fosse um “leitor de fotografia”, tente analisar os detalhes, reconhecer o ambiente e extrair informações nas “entrelinhas” das imagens. Assim você irá conhecer lugares que nunca imaginou!

Boa leitura fotográfica!

Vereda Grande - onde as águas se emendam

Marcus Paredes



Oito fotógrafos

Evando Lopes

O servidor Evando Lopes trabalhou 22 anos e sete meses na Esecac. “Conheço a área, como conheço a minha casa”, garante. Ele foi transferido para a estação ecológica em 1992, quando ainda não havia telefone fixo na unidade.

Inicialmente, exerceu funções administrativas. Mas, em 2008, recebeu um convite de duas professoras da rede pública para fazer registros fotográficos na Esecac. Elas estavam executando um projeto de educação ambiental, com o apoio do WWF. Evando participou deste projeto até 2015, quando teve de retornar à Sema.

Segundo o ornitólogo Marcelo Bagno, a Esecac reunia, naquela época, o maior número de espécies de aves no DF. “Ocorre que não havia nenhuma comprovação, pois o Ibram não dispunha de registros fotográficos”, salienta Evando. Foi neste momento que surgiu a ideia de convidar outros fotógrafos para realizar o projeto de pesquisa.

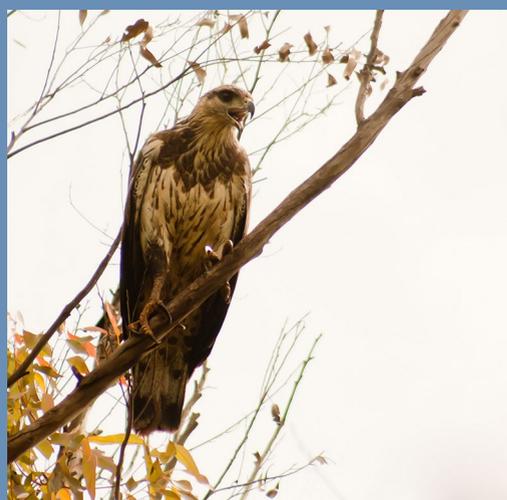
O grupo foi, então, formado com Evando, Bertando Campos, João Martins, Hugo Viana, Margi Moss, Roberto Aguiar, Rodrigo D’Alessandro e Tancredo Maia Filho. “O nome do projeto foi inspirado no



filme *Sete homens e um destino*”, revela Evando.

O projeto foi financiado exclusivamente pelo grupo de fotógrafos. “O apoio dado pelo Ibram se resumiu ao empréstimo de viaturas para os deslocamentos na Esecac”, conta ele. Porém, o grupo recebeu carta branca do órgão para ter acesso a todas as áreas da estação ecológica.

Segundo Evando, o maior legado do projeto é o fortalecimento da unidade de conservação. “A malha urbana e as fazendas que cercam a Esecac são os principais problemas. Não existe uma área de amortecimento, e os defensivos agrícolas das plantações de grãos já estão atingindo a lagoa” – denuncia.



Numa das incursões pela estação ecológica, Evando identificou uma águia-cinzenta, em fase de crescimento, numa vereda da região de Monteiro. “Trata-se de uma espécie pomposa, mas rara e de baixa frequência na Esecac”, explica. Ele admite que esta não foi a sua melhor foto, entre as dez mil que produziu durante o projeto, mas é muito emblemática: “Fui o único fotógrafo que registrou esta espécie na área”, afirma, com orgulho.

Margi Moss

A paixão pelas aves começou no Quênia, sua terra natal, e, desde criança, sabia de cor os nomes das aves. “No Brasil certamente tem mais espécies, mas, no Quênia, elas são mais visíveis devido à vegetação de savanas”, ela compara os dois países.

Formou-se em Letras na Escócia, mas, no Brasil, ganha a vida participando de projetos ambientais, a exemplo do *Brasil das Águas, Rios Voadores* e de outros que foram patrocinados pelo programa Petrobrás Ambiental.

O seu encontro com a fotografia deu a bordo de pequenos aviões, tirando fotos aéreas das paisagens, especialmente dos desenhos traçados pelos rios. Quando o site Wikiaves tornou mais fácil a identificação das espécies de aves brasileiras, observar e tirar fotos delas foi a realização de uma velha paixão. “Hoje tenho vergonha das minhas primeiras fotos de passarinhos”, confessa. “Mesmo assim, a emoção ao encontrar um pássaro raro ou diferente é tamanha que ainda esqueço de fazer os ajustes corretos na câmara”, explica. “É um dilema: observar ou fotografar?”

Ela conheceu muitos locais remotos durante os projetos ambientais, mas destaca o fenôme-



no inusitado da vereda das Águas Emendadas, que versa água para duas bacias opostas.

Em 2011, durante o projeto de registro fotográfico, fez mais de 20 incursões à Esecac. “O momento mais impactante foi observar o minúsculo ninho de um beija-flor muito especial, o chifre-de-ouro, descoberto por um dos colegas. Uma taça quase invisível, num ramo bem baixo, com dois filhotes dentro. A mãe trazia a comida e dois pequenos pescoços se esticavam para serem premiados. Todos nós ficamos encantados e hipnotizados”, lembra até hoje.

A fotógrafa sênior do Wikiaves, com mais de 1.100 espécies publicadas neste site, considera que a sua melhor foto na Esecac foi a de um beija-flor-tesoura. “A luz estava perfeita naquele dia. Ele ficou imóvel por um bom tempo e chegou a abrir as asas. Parecia que estava posando pra mim”, emociona-se Margi.



Tancredo Maia Filho

Era uma vez, um menino que morava em Cruzeiro do Sul (AC) e colecionava ovos de passarinhos. “Aprendi a técnica com a minha mãe e cheguei a reunir cerca de 40 a 50 espécies em duas caixas de sapato”, lembra Tancredo. O seu campo de exploração era o quintal de sua casa e a mata fechada da Floresta Amazônica.

O fascínio pela fotografia também nasceu no Acre. “O meu pai tinha uma Kodak de fole, que comecei a operar aos 12 anos”, revela.

A observação de aves foi incorporada a sua vida após a aposentadoria. “Como tinha tempo de sobra, parti para fazer cursos de xilogravura e de fotografia digital”. Com os novos recursos, certa vez, Tancredo encontrou um ninho de beija-flor-tesoura durante suas caminhadas pelo Parque Olhos D’Água. “Esta descoberta gerou a exposição e o livro *Nasce um beija-flor*”, conta, com orgulho.

Desde que se tornou observador de aves, Tancredo já registrou mais de 700 espécies no país inteiro. Uma boa parte foi produzida na Esecae.

Ele calcula que as passarinhadas de cada integrante do projeto somaram, cerca de 300 horas.



O grupo aprovou um código de ética, que foi violado poucas vezes. Uma destas transgressões causou uma forte emoção em todos: “Fizemos a descoberta de um ninho de chifre-de-ouro, que, surpreendentemente, recebeu a visita extemporânea do macho”. O resultado da aproximação excessiva do ninho, no entanto, rendeu “fotos incríveis”.

Baseado no lema “conhecer para preservar”, Tancredo avalia que o projeto é um importante subsídio para a educação ambiental e a preservação da Esecae.



A foto do primeiro talha-mar nunca será esquecida pelo observador de aves Tancredo Maia: “Estávamos na beira da Lagoa Bonita, quando aquele bicho preto e branco apareceu rasgando a superfície da água com sua mandíbula. A emoção bateu na hora!”. Após a passarinhada na Esecae, a foto foi publicada no Wikiaves. “A minha satisfação transbordou quando soube que este foi o primeiro registro fotográfico da espécie no DF”, lembra.

Rodrigo D’Alessandro

Fundador e articulador do Observaves, grupo informal que reúne, atualmente, cerca de 180 observadores de aves no Distrito Federal, Rodrigo é apaixonado pelas aves há muito tempo. “Às vésperas do vestibular, estava dividido entre biologia e tecnologia. Optei por processamento de dados, mas sempre tive uma forte atração pela agenda ambiental”, declara.

A fotografia surgiu na vida deste empresário, que atua na área de segurança eletrônica, “nomento da migração da tecnologia analógica para a fotografia digital, explica..

Apesar de seus colegas avaliarem que seu ouvido é “coisa de outro mundo”, haja vista sua capacidade, muito acima da média, de reconhecer as espécies pelo canto, ele utiliza aparelhos de reprodução de áudio para identificar e atrair as espécies durante suas passarinhadas.

Aliás, foi justamente o *play back* que atraiu um limpa-folha-do-buriti durante o trabalho de campo realizado na Esecae. “Esta espécie é muito difícil de aparecer e são raros os seus registros. Quando ela respondeu à gravação e apareceu, a sua súbita aparição gerou uma forte emoção em todos nós”, relata Rodrigo.



Autodidata por excelência, ele considera que a observação de aves é mais do que um simples *hobby*. “Para mim funciona como uma terapia. É um momento em que me desligo da rotina e mergulho nas minhas reflexões pessoais”, esclarece.

Segundo Rodrigo, a Esecae está, atualmente, cercada por propriedades rurais, cidades e rodovias, que ameaçam sua existência. “Os fatores críticos são muitos: não há área de amortecimento, tampouco corredores ecológicos, e ainda existem problemas de caça e pesca”, adverte.

Rodrigo calcula ter produzido em torno de quatro mil fotos durante o projeto. Convidado para eleger a mais representativa, ele pré-selecionou quatro fotos extraordinárias: a de um pica-pau-de-topete-vermelho, a de um curutié, a de um limpa-folha-do-buriti e a de um quero-quero. Após muita hesitação, escolhemos a foto do quero-quero pousado em um espelho d’água, cujo reflexo brinda os observadores com outro indivíduo totalmente idêntico.



João Martins

Não é por acaso que João Martins escolheu a imagem de uma seriema, fotografada em janeiro de 2018, em Bonito (MS), para ilustrar seu perfil no WhatsApp. Professor de Biologia há 30 anos e observador de aves há 15 anos, ele é fotógrafo sênior do Wikiaves e um de seus primeiros colaboradores. “A imagem é fundamental para nos emocionar. Enquanto as aves encantam e ajudam a criar uma sensibilidade ambiental nas pessoas”, reflete.

João também é profissional de Odontologia e chegou a exercer a profissão. Mas, para sorte de seus alunos e das causas ambientais, decidiu abandonar este ofício e selar sua opção preferencial pelo ensino. “A minha experiência como educador indica que o contato com o ambiente natural forma um ser humano mais completo e pleno”, afirma.

Chamado de “João dos Passarinhos” por seus alunos, as aves são pretextos para o ensino de várias matérias em sala de aula. “Uso as fotos que eu produzo nas passarinhadas como um gancho para ensinar Genética, Evolução e outros conteúdos”, exemplifica.

“A minha participação no projeto continua reverberando na sala de



aula e no meu mestrado”.

Segundo suas contas, produziu em torno de duas mil fotos na estação ecológica. Entre estas, podem ser destacadas cerca de 100 fotos momentos marcantes que viveu na Esecac.

Atualmente João é mestrando em Biologia e está “engatinhando” no ofício da ilustração científica de aves. Ele considera que as ações predatórias são um risco para a Esecac e, por esta razão, defende uma maior divulgação das pesquisas realizadas na unidade para mostrar à sociedade o seu grande valor.



A foto dos pica-paus-do-campo foi escolhida como a preferida pelo seu autor. Ela foi produzida durante uma passarinhada com outros fotógrafos na Esecac. “O céu estava azul e a luz estava perfeita! Os bichos pousaram acima de nós e permaneceram parados por um bom tempo. Foi um momento de muita integração”, argumenta João.

Roberto Aguiar

O status de observador e fotógrafo de aves surgiu em Brasília, há cerca de 10 anos, quando adquiriu sua primeira máquina fotográfica. “No início, era apenas hobby e muita empolgação. Mas, como esta atividade deixa as pessoas mais atentas, creio que evolui para a condição de ativista ambiental”, avalia Roberto Aguiar.

O engenheiro eletricista, nascido em João Pessoa (PB), reconhece que esta atividade é vista como “algo estranho” pelos seus amigos e colegas de trabalho para eles que este hobby é parecido com a pesca, em função da ‘adrenalina da caça’, pois, nas passarinhadas, sempre temos um objetivo a ser alcançado. Mas, às vezes, é frustrante e levamos para casa apenas carrapatos”, compara.

Após participar de muitas passarinhadas com outros integrantes do Observaves, passou a integrar o projeto *Oito fotografos e um destino*. “Visão do paraíso: essa foi a primeira impressão que tive da Esecac. O local é bonito, rico em biodiversidade e realmente é muito especial”, registra.

Durante os 12 meses que explorou a Esecac, Roberto descobriu muitas espécies de aves, mas



a cena que mais lhe impactou foi o encontro com uma cobra, prestes a dar um bote em um roedor: “Tudo aconteceu em uma fração de segundos e fiquei com a sensação de ser uma presa neste habitat”.

Roberto avalia que o principal legado do projeto foi o registro fotográfica das aves na Esecac. “Antes do projeto, as espécies eram somente listadas. Ele considera que a divulgação da riqueza da fauna pode contribuir para a preservação da área. “A estação corre o risco de ser engolida pela ‘selva de pedra’. É preciso, então, investir em programas de educação ambiental com a participação da comunidade do entorno”, recomenda.

Entre tantos cliques, Roberto selecionou a foto do príncipe como a sua favorita. “Sua alteza vem nos visitar anualmente. Com precisão britânica, sempre volta ao mesmo lugar, na mesma época do ano, fugindo do frio do inverno. Chega aqui discretamente. Mas, ao sair, veste a melhor roupa da sua coleção primavera-verão. Com a plumagem nupcial, retorna ao sul do continente para reproduzir e recomençar um novo ciclo.”



Bertrando Campos

O interesse pelas aves começou cedo, na cidade mineira de Prados. “Tentei caçar passarinhos na minha infância. Por sorte, não fui um bom caçador”, remexe nas memórias o engenheiro eletricista Bertrando Campos.

Posteriormente, o contato com a ornitologia foi transferido para a filatelia. “Cheguei a ter 20 mil selos de aves de todo o mundo”, conta, com orgulho. Mas o encontro definitivo com a atividade de observação de aves só foi possível depois de sua aposentadoria: “Trabalhei 32 anos no Banco do Brasil.

Após me aposentar, em 2007, surgiu a possibilidade de partir para campo”.

Bertrando lembra que a largada na direção do hobby foi totalmente casual: “Numa certa tarde, fui atraído por um pica-pau num ninho próximo da minha casa. Naquela época, ainda não tinha câmera, pedi, então, a do meu irmão emprestada para registrar o evento”.

A partir deste momento, Bertrando tornou-se um observador de aves ativo e operante. “Nos últimos 10 anos, fiz, em média, três viagens por ano para observar e fotografar aves em todo o país”, relata. Ele lamenta, apenas, que não conseguiu



atrair sua esposa para o hobby: “Ela gosta das coisas da natureza, em especial das árvores, flores e paisagens. Mesmo não me acompanhando nas expedições para observar e fotografar aves, sempre me incentivou a cultivar essa atividade”, ensina.

“A experiência de passar um ano fotografando na Esecac foi fantástica. As aves são apenas uma parcela da biodiversidade da estação, mas o registro fotográfico é fundamental para a preservação da área”, afirma.

Bertrando avalia que a pressão imobiliária é o principal risco da Águas Emendadas. “A chave para preservar é a conscientização e a mobilização da sociedade. Se isto não acontecer, vai tudo para o brejo, alerta.



Um encontro casual com um sanhaçude-fogo, na Esecac, foi especialmente emocionante para Bertrando: “É uma ave comum, mas muito bonita, e eu tinha um grande desejo de fotografá-la”, conta. O grupo estava na mata fechada, longe da administração da estação ecológica, já se preparando para encerrar a jornada. “Apesar do céu cinzento daquele dia, valeu a pena registrar esta imagem”, lembra.

Hugo Viana

Paraibano de João Pessoa, Hugo Viana desembarcou em Brasília em 2000, para tomar posse em um cargo público. O interesse pelas aves surgiu na sua terra natal. “Presto atenção nas aves desde criança, apesar de a vegetação do nosso litoral ter sido muito devastada”, lamenta.

Em Brasília, teve a oportunidade de conferir as histórias das “aves do Goiás” que o pai contava, se referindo às andanças do avô pelo cerrado. A fotografia também chegou mais tarde na sua vida. “O primeiro contato se deu a partir do lançamento do Wikia-aves”.

A sua predileção pelas aves está relacionada com a proximidade deste animal. “Possuem uma diversidade imensa e são selvagens, mas estão presentes em nosso entorno”, justifica. Hugo considera que a fotografia é um hobby, mas a observação de aves vai além. “Esta atividade propicia contato com a natureza e estimula o estudo”, compara.

Hugo já registrou mais de 250 espécies de todo o país. Parte de seu acervo foi obtido na Esecac. “Foi um privilégio ter acesso à área. O mapeamento que fizemos mostrou que as mudanças durante o ano”, constata.

Hugo acredita que os resultados



deste projeto devem ser aplicados na educação ambiental para o público infantil do entorno da Esecac. “O respeito à natureza é decorrência do conhecimento”, afirma. Na condição de pai, garante que está transmitindo a paixão pelas aves para sua filha de três anos.

“Fui submetido a uma cirurgia no coração, o que comprometeu as minhas saídas para o trabalho de campo”. Ele conta que, nos primeiros anos, este *pit stop* gerou uma forte “crise de abstinência”.

Hugo está se preparando para voltar, mas, agora, o foco será a observação das aves. “O meu equipamento fotográfico é muito pesado e as minhas condições de saúde não permitem este tipo de esforço físico”, conclui.

Na companhia de dois outros amigos do projeto, Hugo teve um encontro especial. “Após uma chuva forte, estávamos todos encharcados quando avistamos, a uma distância de 100 metros, um casal de gaviões-tesoura secando as penas. Começamos a fotografar e nos aproximamos até chegar perto do local em que eles tinham pousado”, lembra. “Fomos ganhando a confiança, a cada passo, e eles ficaram parados. Foi um momento único”, comemora.



Um destino para muitos olhares

Começando o sobrevoo

*Me leva nas águas desse rio encantador
Vale dourado do meu lindo beija-flor
Passarinho que me encanta, canta o canto do amor
Me leva para onde você for
(Beija-flor, de Elisa Cristal)*

Ao iniciar uma caminhada com a missão de desvendar o prodígio de cores e cantos das aves que vivem na Estação Ecológica de Águas Emendadas – Esecae, se faz necessário compor a bagagem com algumas descobertas, que nos levam a um conhecimento essencial para a compreensão da importância da preservação da natureza.

Inicialmente convém destacar que a Esecae é uma unidade de conservação integral do Distrito Federal, que encontra sua hipótese de validade e proteção fixada na Constituição Federal de 1988, de onde se lê:

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

§ 1º Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público:

I - definir, em todas as unidades da Federação, espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos, sendo a alteração e a supressão permitidas somente através de lei, vedada qualquer utilização que comprometa a integridade dos atributos que justifiquem sua proteção.

A Lei 9985/2000 regulamentou o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, estabelecendo que as unidades de conservação integrantes do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) dividem-se em dois grupos: Unidades de Proteção Integral e Unidades de Uso Sustentável. As Unidades de Proteção Integral possuem o objetivo de preservar a natureza com mais especificidade, de modo a não admitir o uso dos recursos naturais para finalidades que possam macular o sistema, excepcionando apenas as pesquisas.

As estações ecológicas compõem o grupo de Unidades de Proteção Integral, cujos objetivos estão também definidos na lei, de onde se lê:

Art. 9º A Estação Ecológica tem como objetivo a preservação da natureza e a realização de pesquisas científicas.

Para cumprir seu destino, as Estações Ecológicas são “de posse e domínio Públicos”, o que leva à desapropriação das áreas particulares que estejam em seus limites (art. 9, § 1º).

A visita pública, por sua vez, é proibida, para a manutenção do

ecossistema que estes sítios apresentam, fragilizados quando vizinhos de povoamentos urbanos. A exceção é a visita com objetivo educacional que, pela sua natureza, promoverá a presença respeitosa dos visitantes.

O art. 9º, § 3º dispõe que a pesquisa nas estações ecológicas depende de “autorização prévia do órgão responsável pela administração da unidade e está sujeita às condições e restrições por este estabelecidas, bem como àquelas previstas em regulamento”.

A existência da Esecae, com toda a proteção legal que já existia, foi também chancelada pela Lei Complementar nº 827/2000, que instituiu o sistema de Unidades de Conservação da Natureza no Distrito Federal, com definições que visam defesa, manejo e cuidados especiais com os sítios assim definidos em lei.

Destaca-se que o cuidado especial com as estações ecológicas está ancorado em sua importância na manutenção de um meio ambiente ecologicamente equilibrado, que deve ser legado às futuras gerações.

Neste contexto, a Esecae apresenta, ainda, um quadro mais vívido de interesse, pois o espaço se relaciona diretamente com a água, bem natural sobre o qual toda a atenção se voltou nos últimos anos, com os longos períodos de estiagem e a insuficiência dos reservatórios para abastecer as maiores cidades brasileiras, com seu crescimento vertiginoso.

José Machado, ex-diretor da Agência Nacional de Águas, abre a obra em que se baseia o presente texto sobre a Esecae², referindo que “a gestão integrada das águas depende, cada vez mais, da sensibilização social e de conhecimentos técnicos e científicos de boa qualidade”.

Neste sentido, estações ecológicas devidamente protegidas representam itens fundamentais na agenda preservacionista que deve ser urgentemente implantada, em benefício das presentes e futuras gerações.

Nas asas da história

*Eu vou nas asas
De um passarinho
Eu vou nos beijos
De um Beija-Flor
(Beija flor, Canção da Timbalada)*

Paulo Bertran³, saudoso historiador brasileiro, inicia uma narração histórica da Esecae com estas palavras:

Estamos aqui em Brasília, no Memorial das Idades do Brasil, à beira do Lago Paranoá, num ambiente geológico que é aquilo que existe debaixo das Águas Emendadas. Essas rochas, de tanto em tanto, deixam passar as chuvas que vão criar as nossas águas subterrâneas.

A idade delas é estimada em um bilhão e trezentos milhões

² Águas emendadas / Distrito Federal. Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente; Fernando Oliveira Fonseca (org). Brasília: Seduma, 2008

³ Op. cit. p. 21 a 24

de anos e corresponderam a uma espécie de mar interno, como o Mar Cáspio, por exemplo, que ia do Distrito Federal até a Chapada dos Veadeiros, e, de lá, ainda, àquela região da Serra da Mesa.

Pela narrativa do historiador, podemos alçar um voo em torno da importância desse sítio ecológico, que já foi uma vastidão aquática e se manteve, de qualquer maneira, emendando as águas das bacias Tocantins-Araguaia e Platina, em uma senda de seis quilômetros.

Bertran conta que, em 1956, quando foi criada a Novacap e seu Conselho de Administração, iniciou-se o ordenamento do espaço geográfico da nova capital da República, que seguiu as duas vertentes básicas: espaço urbano e espaço rural.

Israel Pinheiro era o presidente da Novacap e designou a equipe que, felizmente, “tomou como referência a permanente busca em termos de equilíbrio dos parâmetros regionais – território, população, economia, meio ambiente”. A equipe merece ser mencionada pelo grande trabalho que realizou: Joaquim Alfredo da Silva Tavares, Lucídio Guimaraes Albuquerque, Ruy de Figueiredo Malta, Ignácio de Lima Ferreira e Jofre Mozard Parada.

Os referenciais que utilizaram foram os mesmos “defendidos pela Fundação Brasileira para Conservação da Natureza, a primeira ONG ambientalista nacional” e, por isso, chegaram a considerar “a prevalência de cada tipologia de uso e possíveis superposições de atividades afins, segundo suas respectivas vocações ecológicas”.

O trabalho realizado considerou o espaço urbano de Brasília e definiu seis bacias hidrográficas: Lago Paranoá, Rio Maranhão, Rio Descoberto, Rio São Bartolomeu, Rio Preto e Rio São Marcos⁴.

Também foram criados critérios de proporcionalidade que visavam estabelecer adequado peso às atividades da população e à preservação dos campos de reservas naturais do cerrado, entre os quais estava o de Águas Emendadas.

O trabalho da equipe da Novacap foi utilizado para definir 18 núcleos rurais, como Taguatinga e Samambaia, hoje urbanizadas e com grande número de habitantes, assim como reconheceu, de imediato, a exuberância das Águas Emendadas, como descreve Bertran:

Na primeira excursão exploratória de tais potencialidades em Águas Emendadas, foram surpreendidos pela magnitude daquela exuberante e diferenciada vereda e pelos corpos d’água que gera e abriga, formando um espaço de incomparável beleza cênica do divisor de águas de duas megabacias hidrográficas sul-americanas, de onde partem em sentidos contrários dois cursos d’água: Vereda Grande, direcionado à Bacia Amazônica, e Fumal, da Bacia Platina.

Todo o cenário levou os pesquisadores à conclusão de que era inconveniente usar o espaço para implantar um núcleo rural produtivo, devendo ali ser promovida a preservação integral. E assim foi feito, ficando o espaço sob os cuidados da Fundação Zoobotânica, criada para proteção dos “espaços naturais representativos”.

4 Albuquerque, L. G. op. cit. p. 38

Pelo Decreto nº 771, de 12 de agosto de 1968, o sítio foi alçado à condição de Reserva Biológica e pelo Decreto nº 11.137/88, do GDF, tornou-se estação ecológica.

Importante recordar que, em 1968, Jorge Pelles foi encaminhado para ser o primeiro administrador de Águas Emendadas⁵. E quem foi Jorge Pelles? Fora o dono das terras onde se construiria Brasília, terras que ele vendeu, sem qualquer resistência, por ser um partidário do Movimento Mudancista, que queria trazer a capital do Brasil para o Planalto Central.

Iniciou seus trabalhos de administrador com apenas seis funcionários e logo cercou a área, mantendo guarda sobre todo o perímetro, e depois construiu o alojamento para pesquisadores, escritório administrativo e casa do administrador. Trabalhou incansavelmente e viu implantada a estação ecológica antes de falecer, em 1995.

Atualmente, na página do Instituto Brasília Ambiental –Ibram⁶ na internet, lê-se sobre a Esecac:

É uma das mais importantes reservas naturais do Distrito Federal, onde ocorre o fenômeno único da união de duas grandes bacias da América Latina, a Tocantins/Araguaia e a Platina, em uma Vereda de 6km de extensão. Essa característica faz dela um dos acidentes geográficos de maior expressão existentes no território nacional: as águas que ali brotam correm em duas direções opostas. [...] sua área de cerrado, praticamente intacta, abriga fauna ameaçada de extinção [...] sendo de grande importância para a realização de pesquisas científicas.

Os esforços feitos por todos que atuaram e atuam para a manutenção da Esecac não têm sido em vão, pois este verdadeiro patrimônio da humanidade segue apresentando suas características preservadas, com diversidade de fauna e flora a permitir a realização de relevantes pesquisas.

Espaço que abriga a estação

*Mas isso é coisa tão banal perto da beleza
do Planalto Central
E das pessoas que fazem do Cerrado
O habitat quase ideal
(Presente de um Beija-flor, Natiruts)*

A Esecac se localiza no Planalto Central Brasileiro, na Sub-Bacia Mestre d’Armas, na Região Administrativa de Planaltina, fazendo divisa com os municípios de Padre Bernardo, Formosa, Luziânia, Cristalina, Santo Antonio do Descoberto e Unai.

A estação está situada “a uma distância de aproximadamente 50 km do centro de Brasília e a 5 km do centro de Planaltina” e seu entorno está ocupado ao norte e ao sul por manchas urbanas, enquanto a leste e oeste por grandes culturas e propriedades rurais.

5 Leite, V.M.G.S. Op. cit. p. 41

6 <http://www.ibram.df.gov.br/estacao-ecologica-aguas-emendadas/>

A localização da Esecac, especialmente nas direções em que se desenvolveram as cidades, fica vulnerável à ação humana. Este é o mesmo fenômeno que ocorre em outras áreas de preservação integral, mobilizando esforços do poder público e da sociedade civil organizada para impedir ações predatórias, especialmente do homem, que possam romper o equilíbrio natural, destruindo as oportunidades de importantes descobertas por meio de pesquisas.

Os limites da estação também devem ser preservados, com todas as medidas necessárias, tendo-se em mente a fragilidade da vida e a preocupação com o futuro, inclusive da espécie humana, nessa fase planetária que apresenta nefastos quadros a demonstrar a exaustão da terra maltratada pela ação do homem.

Pousando em outros galhos da história

*Passarinhos soltos a voar
Dispostos a achar um ninho
Nem que seja no peito de um outro
(Passarinhos, de Emerica)*

Ainda sobre as estações ecológicas, é importante recordar o papel fundamental que teve a Secretaria Especial de Meio Ambiente – Sema, criada em 1973, no âmbito do Ministério do Interior.

A Sema foi dirigida por Paulo Nogueira-Neto, até 1986, e foi dele o esforço para estabelecer uma “nova categoria de unidade de conservação que combinasse investigação científica com proteção ecológica”, como referem Harowitz & Jesus⁷.

O trabalho da Sema culminou com a Lei 6.902/81, que oficializou as estações ecológicas, somando mais de três milhões de hectares às áreas protegidas.

Os autores anotam que os relatórios oficiais registram a existência de 223 unidades de conservação de proteção integral no Brasil, somando 6,227 milhões de hectares, equivalentes a 0,79% do território nacional.

Quais são as dimensões da Esecac?

*Veja as cores, ouça o canto, solte a imaginação
São as aves nosso encanto a voar pelo sertão
(Aves do Sertão, de Zeca Brasil)*

A dimensão física inicial da Esecac foi definida em 10.547,21 hectares pelo Decreto 11.137/88, porém, foram tantas as dificuldades para desapropriar

⁷ Harowitz, C; Jesus, F. Op. cit. p. 49

toda a área, que o Governo do Distrito Federal decidiu reduzir a área em 35,52% e editou novo Decreto nº 14.662/93, fixando a área total da Esecac em 7.077,48 hectares. Poucos dias depois, entretanto, em razão da mobilização popular, o governo publicou o Decreto 14.671/93, restituindo a área subtraída da estação.

Definitivamente, então, a área da Esecac é de 10.527,21 hectares, equivalentes a 25 vezes a área do Parque da Cidade, em Brasília, maior parque urbano do mundo.

Entretanto, a dimensão em hectares fica pequena, quando comparada com a dimensão das pesquisas que já foram desenvolvidas na estação, e com as grandezas de elementos fundamentais para a vida humana que podem ser ali observados.

A regulação do comportamento humano em relação aos bens naturais é, em grande parte, dependente da quantidade de informações que podem ser repassadas e compreendidas. E, por isso, as pesquisas realizadas no âmbito da Esecac funcionam como importantes argumentos em favor da conservação e inspiram pesquisadores de todo o mundo que se dedicam a desvendar dados que podem ser significativos na manutenção da vida sobre a Terra.

As pesquisas na Esecac

*É coisa de passarinho
Que voa em céu tropical.
Cantar, pensar que é seu canto
Que traz o sol pro quintal.
(Alegoria das aves, de Toquinho)*

Maia⁸ conta que, desde a década de 1980, a Esecac tem sido palco de importantes e inéditas pesquisas, que a colocam entre as áreas de relevante interesse, “chamadas reservas de biosfera ou hotspots”.

O autor destaca os trabalhos desenvolvidos por Maitelli (1987) sobre balanço de energia e evapotranspiração de um cerrado *stricto sensu*; Conde (1995) sobre fluxos de vapor de água de um cerrado *stricto sensu*; Santos (1995) sobre características aerodinâmicas de uma vegetação de um cerrado *stricto sensu* na estação chuvosa; Monteiro (1985) sobre fluxos de CO₂ no Cerrado, pesquisas realizadas exclusivamente na Esecac e ainda Breyer (2001), com fluxos de energia, carbono e água em áreas de cerrado *stricto sensu*, submetidas a diferentes regimes de queima.

O autor relata que

Este relatório mostrou que as estimativas de densidade média de carbono para o cerrado foram consideradas representativas dos estoques originais, sob condição de vegetação primária e sem perturbação significativa, e com emissão bruta anual de 67,1 Tg de Carbono/ano em 17,7 10³km².

Salgado-Labouriau (1997) também realizou pesquisas relevantes na

⁸ Maia, J.M.F. Op. Cit. p.55